



mulheres negras é sua humanidade e degradar esta feminidade significa degradar sua humanidade. Portanto, uma noção womanista de pecado afirma que a violência dos corpos das mulheres negras e a agressão resultante sobre seu espírito e sua própria estima constituem o pecado social mais grave.

Portanto, ser womanista é ter uma forte crítica contra a opressão, é também ter confiança na liberdade humana a partir da reflexão sobre o ser mulher e negra. Enfim,

ser womanista é estar conectada com a história de luta e resistência das mulheres negras em busca da sua libertação.

Bibliografia

- TOWNES, Emilie M. (editor) *A Troubling in My Soul Womanist Perspectives on Evil & Suffering*, New York, Orbis Books, 1996.
- McGRATH, Alister E., (editor), *The Blackwell Encyclopedia of Modern Christian Thought*, Massachusetts, Blackwell Publishers, 1993.
- SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth, *Sharing Her Word Feminist Biblical Interpretation*, in: Context, Boston, Beacon Press, 1998.

Nota

1 Ver: Alice Walker. "In Search of Our Mother's Gardens: Womanist Prose" ("na busca do jardim de nossa mãe: prosa womanista"), 1983.

Marli Wandermurem é doutoranda em Ciências da Religião na Área de Literatura Bíblica no IEPG São Bernardo do Campo, São Paulo
Maria Cristina Ventura é doutoranda em Ciências da Religião na Área de Literatura Bíblica no IEPG São Bernardo do Campo, São Paulo

Nascimento de Jesus e Negritude

Adriano Otto

O mês de dezembro está se aproximando e com ele uma das festas mais importantes do ano eclesial: O nascimento de Jesus. O tempo é de alegria e fraternidade. Nesse ambiente alegre e descontraído, os presentes fazem parte desta festa. Pensar no presente de Deus à toda humanidade, Jesus Cristo, leva-nos a refletir sobre as condições de seu nascimento e a sua origem. Começando pela sua origem, Jesus foi judeu. Este povo foi se

constituindo ao longo da História. Partimos do Egito para apresentar alguns fatos que levam a crer que este povo é fruto de uma miscigenação. Várias tribos se uniram em torno da fé em Javé por causa da opressão que estavam sofrendo dos egípcios, pois procuravam alívio para o jugo. É bem possível que as diversas pessoas que se uniram em torno da fé em Javé, fossem criadores de gado, pequenos charqueiros,

pescadores, prisioneiros de guerra e imigrantes de Canaã.

Os israelitas tiveram uma relação muito próxima com os egípcios. Temos a história de Abraão se refugiando no Egito por causa da fome: José é bem querido pelo Faraó e casa-se com uma egípcia. Os irmãos de José se refugiam no Egito e o próprio Jesus é levado para esta cidade em busca de segurança. Moisés é outra personagem que faz parte dessa história. Em Ex. 2.16, as filhas de Reuel o identificam como um egípcio. Estes são alguns exemplos que encontramos na Bíblia. Mas quem eram/são os egípcios? Eles são originários do norte da África e se instalaram ao longo do Nilo, onde foram divididos em pequenos Estados independentes que paulatinamente foram unificados em dois territórios, o Baixo e o Alto Egito. Durante as monarquias Novas e Médias, o Egito fazia fronteiras com a Núbia ou Cuch, como os egípcios os denominavam por causa da pele escura. Ah! Repare na sua Bíblia que na criação do cosmo, a terra de Cuch faz parte da criação de Deus. A passagem é Gn 2.13. Os Cuchitas são negros, assim como o Egito o era. Então, o povo santo teve contato com negros/africanos e até se casaram com eles. Moisés é apenas um exemplo desse tipo de relacionamento. Ou seja, casamento com mulheres estrangeiras. Essas mulheres estrangeiras, pelo menos algumas delas, tiveram lugar privilegiado nesta história do nascimento de Jesus. Na genealogia dele aparecem quatro mulheres que são estrangeiras. São elas: Tamar, Raabe, Rute e a esposa de Urias - Bate-Seba. Fato é que a cultura egípcia e cuchita - esta talvez em menor grau, embora existam doze Salmos composto por pessoas negras/cuchitas - influenciaram a vida política, social e econômica do povo santo.

Quanto à costa do Mediterrâneo, os povos que ali viviam, formavam uma unidade. Esta unidade deu-se através de instituições, costumes, práticas de povos

que travaram contato ao longo de toda a costa do Mediterrâneo. Estes povos conquistaram, colonizaram e converteram; fizeram comércio, estabeleceram administrações em comum e casaram-se entre si - os contratos travados eram perpétuos e não podem ser ignorados. Assim, pode-se dizer que houve uma diversidade que formava uma unidade na sociedade Mediterrânea. Essa unidade é formada por constante interação. Por isso, fica difícil de imaginar um povo judeu de puro sangue. Tampouco pode-se ignorar a unidade de parentesco existente entre eles. Houve uma tendência, por menor que fosse, de manter este grau familiar. A personagem Bíblica mais apreciada e objeto de variações diversas na tentativa de expressar, através da pintura ou escultura a sua imagem, é, sem dúvida, Jesus Cristo. As imagens mais antigas de Jesus encontram-se nas catacumbas dos séculos III e IV, podendo-se encontrá-las também em lugares cúlticos do mesmo período. A imagem de Cristo suscitou discussões e estas foram fomentadas com afincos nos Concílios de Hiera e Nicéia, por exemplo. Nos séculos VIII e IX, os iconoclastas travaram uma luta para poder representar a imagem de Cristo através de pintura, mosaico, escultura. Toda essa luta se deu por causa da imagem de Cristo. Adentrou-se na iconografia, pois a imagem de Cristo ganha traços firmes e fortes através de escultores pagãos. Estes deram à fisionomia de Jesus traços dos deuses pagãos, em especial os de Orfeu. Estas representações pareciam-se mais com os deuses gregos do que com o homem que vivera sob o sol escaldante do Oriente Antigo, filho de uma judia. Com a arte bizantina, havia duas imagens de Cristo: a helenístico-romana, baseada em Orfeu; e a étnica, baseada no fato histórico de Jesus ter nascido na Judéia.

Através da iconografia, Jesus é apresentado com os seguintes traços: nariz alongado e fino, boca pequena, cabelos

cumpridos, olhos azuis, barba ruiva com tonalidades escuras, sobancelhas pretas. Aqui cabe uma pergunta referente ao nascimento de Jesus: Como a "sagrada família" poderia se esconder no Egito, sendo loira, enquanto os egípcios eram africanos? Vagando por esta pergunta, tendo no imaginário não só o Egito, mas também o possível rosto de um judeu do primeiro século, lançado pela Emissora BBC de Londres, Sérgio Jockymann comenta: Os anti-semitas não vão gostar do novo rosto de Jesus, porque ele se parece mais com os habitantes se Israel do que com os ditos filhos de Deus. Embora ninguém tenha visto o Pai, cada raça idealizou o Filho de acordo com seus próprios ideais. Foi justamente o que aconteceu na época das Cruzadas, onde o Cristo era representado de forma bela, forte, branco e invencível em contraste com o povo do "corredor do Mediterrâneo", onde parte das Histórias Bíblicas sucederam. Tanto na arte bizantina como na renascentista, Cristo é representado com uma beleza inconfundível e incomparável a todos os demais homens. Maria, sua mãe, é tão bela quanto Ele. Isto nos faz lembrar dos mitos gregos onde os deuses são seres de uma beleza rara e as mulheres, as esposas terrestres, são de uma formosura incomparável. Contudo, Jesus foi um homem do seu tempo e espaço. Viveu numa região onde o sol é forte e tem desertos inóspitos. Ele não foi nenhum ser que viveu atemporal aos demais de sua época.

Até aqui algumas conclusões para desmistificar que Jesus foi um louro de cabelos compridos, de olhos azuis e branco. Contudo, não foi nenhum africano, negro. Acredito que ele foi um homem do seu tempo e teve a pele escura. Isto devido às suas origens e o fato de viver em determinado lugar onde o sol é quente e tem desertos inóspitos. Tentou-se remontar um pouco da época anterior a Jesus, buscando um imaginário do primitivo Israel,

observando a origem do povo egípcio e a formação do povo santo, sem ignorar a sua localização e sua união em torno da fé em Javé. Pode-se perceber que o povo santo é uma constituição heterogênea, mas também com forte laço epônimo. Na genealogia de Jesus, além da perspectiva teológica das estrangeiras, não se pode descartar o fato de que os povos do Mediterrâneo exerciam contatos com diversos povos, inclusive com os asiáticos. Isto leva a crer que não somente a cultura casfreu alteração, mas também houve casamentos mistos. Anterior a Jesus, tem-se a reforma de Esdras com a qual se procurou repudiar e mandar embora as mulheres estrangeiras. É impossível imaginar que esta reforma teve êxito e que nunca mais houve tais fatos dentro do povo santo.

Quanto ao nascimento Jesus, os evangelhos fornecem poucas informações sobre a sua infância. Na fase de sua infância, os textos concentram-se, em especial, em seu nascimento. Mateus e Lucas são os únicos que mencionam, especificamente, a história do nascimento de Jesus (Mt 1.18-25 e Lc 2.1-7). A narrativa de Lucas é mais dinâmica e pormenorizada, apresentando mais detalhes do que Mateus. O texto Bíblico não diz que o casal chegou a Belém com Maria prestes a dar à luz. O texto diz que estando ali, completaram-se os dias para o parto (Lc.2.6). "Estando ali" deixa margem à interpretação de que o casal poderia estar há algum tempo em Belém. Mateus e Lucas, ao apresentar o nascimento de Jesus, ressaltam a humildade e o menosprezo desse nascimento. Apresentam um Jesus que nasceu em meio à miséria, desespero e aflições, na marginalidade. Se está diante de um nascimento onde a criança é deitada num cocho de animal e enfaixada por um pano como de costume, mostrando que a criança que nasceu não é um ser celestial, mas uma ser humano. É nesta criança que Deus se manifesta na forma de Emanuel,

através do Espírito Santo. Toda criança é um mistério. Na sua fragilidade visceral ela aponta para o amanhã. A criança que se mexe no berço [cocho] diz a tod@s que ela espera poder percorrer caminhos novos que tragam aos seres humanos mais felicidade e ventura. Esta criança trará uma boa-nova a todas as pessoas que vivem na marginalidade, na miséria, na falta de esperança e perspectiva de vida. Trará vida em abundância a tod@s que a acolherem em seu coração. Esta criança se colocará ao lado d@s oprimid@s, aos que vivem a exclusão da sociedade, aos que são vítimas de preconceitos e segregação racial.

Pensar o nascimento de Jesus numa perspectiva da negritude não é afirmar que Jesus é negro e ponto final. Mas, a partir de seu humilde e miserável nascimento, perceber que este Deus vem ao encontro dos excluídos e desamparados. Vem ao encontro dos marginalizados e torturados pelo sistema secular. Ao falar em negritude, não está se pensando numa inversão de valores dentro da teologia. Porém, não se pode ignorar o fato de que Jesus viveu num determinado lugar onde o sol é forte e tem desertos insólitos. É sabido que, quanto mais quente for o clima, mais escura será a tez. A teologia com a qual se está trabalhando, é uma teologia a partir do negro e do contexto brasileiro. Não se tem o intuito de reverter os valores clássicos já existentes, oriundos da Europa. Eles ajudam e muito no discurso teológico para perceber o grandioso e esplêndido amor de Deus para conosco. A dificuldade e a resistência a essa teologia é quando ela se advoga como uma e invariável, e, sobretudo, quando ela não se contextualiza e nem abre espaço para o novo e diferente.

Uma teologia a partir da pessoa negra tenta *relacionar a análise cultural e religiosa àquelas das estruturas de poder vigente na nossa sociedade*. São palavras do Padre Alfredo Souza Dorea. Por isso, a pessoa negra não precisa assumir uma

identificação com alguma luta, pois a sua pele já constitui uma luta por libertação. Libertação não só dos grillhões que a prendem como escrava. Mas, também de uma teologia, baseada na própria Bíblia, que a faz se sentir branca na alma e endemoniza tudo que é autóctone: sua cultura, seu culto. Assim, a teologia negra emerge da experiência sócio-religiosa apontando para uma relação com o sagrado e o Divino. Uma identificação com o menino que nasceu em Belém, e que foi um judeu de seu tempo, conforme o rosto lançado pela BBC, quanto à sua humilde pobreza, resgata não só a auto-estima da pessoa negra, mas também perspectivas e ânimo para viver e se relacionar com o sagrado e Divino. Desta forma, o seu aparato



simbólico-religioso estará presente no dia-a-dia, como também a figura daquele que morreu por amor e para nossa salvação será o centro. Assim, *Cultus* e *Cultura*¹ estariam juntos numa profunda dialética a caminho de uma libertação e vivência inter-étnica. Este aparato simbólico-religioso aponta não só para o passado, mas também para o presente e futuro. O presente tem o menino que nasceu e foi enrolado em faixas e deitado num cocho, desamparado pelos seus compatriotas, mas amparado pela sua mãe, seu pai e por pessoas que compunham a classe mais baixa da sociedade da época: pastores, magos e por que não falar também dos animais que são criaturas de Deus? Esta pobre e desprezada criança estava e ainda está presente na memória das pessoas negras.

O Deus do imaginário negro é um Ser supremo, criador de tudo, do céu e da terra, é o inacessível (Olorum), aquele que diz e faz (Nzambi), aquele que reúne (Kalunga). Este Deus com diversos nomes genéricos dentro da cultura afro não é diferente do Deus dos cristãos. Uma leitura pormenorizada da Bíblia encontra as mesmas designações para o Deus de Israel e o Emanuel que armou a sua tenda entre nós. Percebe-se, a exemplo da fé cristã, que a pessoa negra compreendia que este cosmos foi feito a partir de um mandato divino e, como tal, ela faz parte desse imenso corpo que tem vários membros. Assim, as leituras do Antigo Testamento, por exemplo, serão bem familiares. Por isso pensar na negritude a partir do nascimento de Jesus envolve questões não só teológicas, mas também uma identificação com o ser negro/negritude. A negritude é a um só tempo um movimento histórico, emancipativo, social, artístico e cultural, e por que não dizer, também religioso. O seu grande objetivo é a recuperação da identidade negra. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na

retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisa recuperar.

Dedico este artigo aos professores Peter Nash e Remí Klein e aos amigos Adilson e Anete.

Nota

1 *Cultus*: o que foi trabalhado sobre a terra: cultivado, como também pode ser o que se trabalha sob a terra; culto; enterro dos mortos: ritual feito em honra dos antepassados. Quanto à *Cultura*: pode-se dizer o seguinte; "é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos deveres que se transmitem às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social." Cf. Alfredo BOSI. **Dialética da Colonização**. P.11-16.

Adriano Otto é estudante de teologia na Faculdade de Teologia da EST, São Leopoldo e membro do Grupo de Negr@os desta Instituição



Símbolo utilizado para o Culto da Semana da Consciência Negra. "Celebrando a memória de Palmares". Culto realizado no dia 21 de novembro de 2001